

INSTITUTO DE EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL



CIDADANIA E PROFISSIONALIDADE

CP4 - DR 1 - 4 PROCESSOS IDENTITÁRIOS

Formando: Humberto Santos

Março de 2012

Formador: Pedro Roldão

ÍNDICE

1.	INTRODUÇÃO.....	3
2.	DESENVOLVIMENTO.....	4
2.1.	Processos identitários- Identidade e alteridade.....	4
2.2.	Processos identitários a nível social e global.....	6
2.2.1.	Racismo e Xenofobia.....	7
2.2.2.	Movimento dos direitos civis.....	8
2.2.3.	Um ícone da luta contra o racismo: Nelson Mandela.....	10
3.	CONCLUSÃO.....	12
	Web grafia.....	14

	Ilustração 1- Imagem retirada na página web de Sofia Gonçalves.....	4
	Ilustração 2 – Fonte http://processosi.blogspot.pt/	6
	Ilustração 3 - Fonte: http://tukakubana.blogspot.pt/2010/03/dia-internacional-contra-discriminacao.html	7
	Ilustração 4 - Rosa Parks.....	8
	Ilustração 5 - Nelson Mandela.....	10

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é referente aos domínios de referência DR1 a DR 4, da disciplina de Cidadania e Profissionalidade módulo 4, que abrange a proposta de trabalho sobre os processos identitários a nível individual, social e global. Iniciarei por identificar os processos identitários a nível de identidade e alteridade. Relativamente aos processos identitários a nível social e global, abordarei o tema sobre racismo e xenofobia, seguidamente mencionarei o início do movimento dos direitos civis e um ícone mundial da luta contra o racismo – Nelson Mandela. Por fim, na conclusão, citarei alguns casos da minha vida pessoal e profissional no que concerne ao tópico.

O texto está elaborado segundo o novo acordo ortográfico.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Processos identitários- Identidade e alteridade

A discussão de processos identitários abordando aspetos conceituais e contextuais implica, primeiramente, na conceção da identidade, enquanto categoria de análise, como uma construção social, marcada por polissemias¹ que devem ser entendidas circunscritas ao contexto que lhe conferem sentido.

O processo identitário é iniciado no momento que nascemos. Inseridos num contexto familiar, em particular, e num contexto sócio-económico-cultural, no geral, somos influenciados a adquirir determinados valores que vão regendo a nossa vivência.

O termo identidade sempre desperta interesse, tanto das pessoas comuns, representantes do universo consensual, quanto de cientistas sociais.

Etimologicamente, identidade significa característica do que é o mesmo ou, numa asserção mais propriamente ontológica, a essência do ser, aquilo que permanece.

A identidade promove a continuidade do indivíduo, do grupo ou da própria sociedade, uma vez que perante uma situação de conflito, o indivíduo inicia um processo de crise, que pode culminar numa rutura ou readaptação. Este processo promove uma constante mutação da própria pessoa humana.

A essência de cada pessoa é um exercício de alteridade, uma vez que é decorrente da interação com o



Ilustração 1- Imagem retirada na página web de Sofia Gonçalves

¹ . [Linguística] Conjunto dos vários sentidos de uma palavra ou locução. Fonte: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=polissemia>

outro, bem como pelo seu reconhecimento.

Mas o que significa alteridade?

A alteridade refere-se à aceitação das diferenças, ao aprender com os diferentes, aceitando-os e respeitando-os como são.

Através dos processos de socialização, a pessoa humana integra-se no seio familiar, em primeira instância, onde adquire os valores inerentes à sociedade no qual está inserido que lhe permite desenvolver uma série de capacidades e competências que lhe proporcionam a adaptação a outros meios, nomeadamente, escolar (onde destaco a importância dos pares na construção da individualidade), religioso, político, cultural, desportivo, entre outros.

Concomitantemente ao processo de socialização – construção da identidade – deverá ser consolidado o respeito pela diferença. Isto é, inerente à nossa individualidade, está a individualidade doutros seres humanos, que provindo de origens alheias, adquirem diferentes valores e crenças.

Numa sociedade cada vez mais global, onde o fluxo migratório tem-se generalizado numa escala mundial, verifica-se uma mistura cada vez mais acentuada de diversos grupos. Ao longo do nosso ciclo vital deparamo-nos com diversas situações que colocam à prova a nossa identidade.

A formação da identidade da criança é um processo permeado por perguntas como: "Quem sou eu?"; "Como sou?". As respostas a essas perguntas são essenciais para a construção da personalidade

Nesta fase cabe aos pais e aos professores incutirem nas crianças valores que serão objeto da construção da sua identidade/personalidade futura.

É no período da adolescência que o indivíduo vai colocar em questão a construção do período anterior, próprio da infância.

Aquando da idade jovem adulta é-nos solicitada a escolha por ideologias políticas, área na qual também se verificam diferentes choques identitários, onde nem sempre impera o respeito pela opção do outro, podendo culminar em atritos, muitas vezes com danos graves, quando se instalam discórdias.

Sucedem que a identidade de cada ser humano é uma aprendizagem a cada dia que passa, pois qualquer um de nós está ligado a uma tradição, a um grupo, a uma nacionalidade, e tem vários domínios simultaneamente.

Esta identidade, também é, por si só, algo complexo porque é mutável, mudando ao longo da nossa vida e muda com os momentos históricos, levando-nos a estabelecer ligações com diferentes grupos de pessoas e, como a nossa identidade é múltipla, ela é assim perspectivada, vivida e defendida de muitas formas diferentes.

2.2. Processos identitários a nível social e global



Ilustração 2 – Fonte <http://processosi.blogspot.pt/>

A questão da identidade está hoje, mais do que nunca, na ordem do dia. Diariamente são questões de identidades individuais e coletivas que conduzem à formação de ambientes sociais de pressão, de contestação, de rejeição, surjam eles no interior da luta política – ligada às “tradicional” situações desiguais de poder

ou simplesmente de desiguais oportunidades de escolha –, surjam eles em contextos mais amplos, alimentados pela consciência de pertença a um mundo global, no interior da qual se constroem, se defendem e contestam, posições, a partir da percepção de que se encontram de algum modo sob ameaça. Estas posições são definidas como “identidades” e têm discursivamente uma base étnica, nacionalista, religiosa, de raça (esta com tendência a impor-se com o alargamento dos movimentos migratórios), entre variadíssimas outras, e são difundidas através dos meios de comunicação globais, cada vez mais rápidos e de amplitude tendencialmente universal.

No âmbito dos processos identitários a nível social e global, irei historiar sobre uma questão pertinente para mim, ou seja, o racismo e a xenofobia.

“Enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho dos olhos, haverá guerra.”

Bob Marley

2.2.1. Racismo e Xenofobia

O racismo e a xenofobia são dois temas intemporais que, direta ou indiretamente, nos afetam.

Segundo

Ricardo Mendonça² a origem etimológica de racismo é: “datada de 1932 como substantivo, e de 1938 como adjetivo, provém do étimo raça. A primeira referência registada do termo racismo foi em língua francesa de racisme,



Ilustração 3 - Fonte: <http://tukakubana.blogspot.pt/2010/03/dia-internacional-contra-discriminacao.html>

e originalmente no contexto da crítica a teorias conotadas com o Nacional-socialismo. O termo racismo substituiu termos anteriores e equivalentes como racialismo ou racialista ambos de também origem francesa (Finais do séc. XIX).

É apenas a partir da revolução social operada nos Estados Unidos, na década de sessenta do século passado, que se começa a registar uma distinção no sentido dos termos. O acolhimento para o nosso idioma é tardio e o seu sentido e qualidade só se fixam muito recentemente (...).”

Assim, racismo, não é mais do que uma teoria que afirma a superioridade da raça X ou Y em relação às outras raças. Nesta teoria assenta a defesa do direito de dominar ou mesmo reprimir as raças consideradas inferiores.

O racismo é, pois, uma atitude preconceituosa e discriminatória contra indivíduos de certas raças ou etnias.

Em relação à definição etimológica de xenofobia, segundo a Enciclopédia Livre Wikipédia³ diz-nos que: “Xenofobia (do grego ξένος, translit. xénos: "estrangeiro"; e φόβος, translit. phóbos: "medo.") é o medo irracional,

² Fonte: <http://www.vnnforum.com/archive/index.php/t-126028.html>

³ Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Xenofobia>

aversão ou a profunda antipatia em relação aos estrangeiros, a desconfiança em relação a pessoas estranhas ao meio daquele que as julga ou que vêm de fora do seu país.”

Assim, podemos entender a xenofobia como a antipatia ou aversão pelas pessoas ou coisas estrangeiras. Xenofobia é também um distúrbio psiquiátrico ao medo excessivo e descontrolado do desconhecido ou diferente.

Xenofobia é um termo também usado num sentido amplo referindo-se a qualquer forma de preconceito, racial, de grupos minoritários ou cultural.

2.2.2. Movimento dos direitos civis

O processo de conseguir a igualdade perante a Lei para todas as



Ilustração 4 - Rosa Parks

Fonte:

<http://sunnynash.blogspot.pt/2011/02/rosa-parks-montgomery-bus-boycott-jim.html>

camadas da população independente de cor, raça ou religião, foi longo e extenuante em diversos países e a maioria destes movimentos não conseguiu atingir o seu objetivo.

O mais conhecido e famoso deles, através da história, foi o Movimento dos Direitos Civis para os Negros Norte-Americanos, entre 1955 e 1968, que consistia em conseguir reformas nos Estados Unidos visando abolir a

discriminação e a segregação racial no país. Com o aparecimento de movimentos

negros como o Black Power e os Panteras Negras no meio dos anos 60. O protesto da sociedade negra pela igualdade racial iniciou a sua causa para a dignidade racial, igualdade económica, autossuficiência política e libertação da autoridade branca do país, ofuscando a razão inicial do movimento.

O alvo inicial deste movimento deu-se no sul eminentemente racista do país, na cidade de Montgomery, estado do Alabama, em 1 de Dezembro de 1955. Foi um acontecimento ocorrido com Rosa Parks⁴ considerada “A Mãe dos Direitos Civis”. Segundo fonte da Infopédia “No dia 1 de dezembro de 1955, quando regressava a casa após mais uma jornada de trabalho, Rosa Parks recebeu ordens do condutor do autocarro onde viajava para ceder o seu lugar a um homem branco. Recusou o pedido, o que levou a que fosse presa e multada em 14 dólares. Este caso em que desafiou a lei para lutar por um direito pessoal e pela sua dignidade fez com que os afro-americanos de Montgomery se organizassem num movimento pacífico contra a discriminação racial. Para tal, foi organizado um boicote aos transportes públicos na cidade para que nestes não houvesse mais segregação racial. Um até então desconhecido sacerdote, chamado Martin Luther King Jr⁵, envolveu-se na contestação e chamou a atenção do país para a injustiça que se vivia. Entretanto, os negros da cidade, com a ajuda de alguns brancos, organizaram-se de modo a transportar para o trabalho as pessoas que faziam o boicote.

O boicote, que teve a oposição das autoridades da cidade e do Estado do Alabama, durou 382 dias, ou seja, até 21 de dezembro de 1956. Nessa altura, tanto Rosa Parks como Martin Luther King já eram heróis nacionais nos Estados Unidos da América. O Supremo Tribunal norte-americano, entretanto, declarou que era inconstitucional existir segregação racial em transportes públicos.”

Segundo fonte retirada numa página web⁶ “Com o presidente Obama, de acordo com Friedman, não só os problemas raciais será resolvido, mas haverá uma reafirmação do “sonho americano”, de que todo cidadão – mesmo pobre, negro e filho de imigrante – pode vir a se tornar presidente. A candidatura de Obama expressou mudanças reais nos EUA nos últimos 40 anos. Entre outras, a mobilização de minorias visíveis, o crescimento de uma classe média negra e a bem-sucedida difusão de sua cultura popular. Obama soube se tornar veículo

⁴ Rosa Parks - Ativista dos direitos humanos norte-americanos, Rosa Parks nasceu a 4 de fevereiro de 1913, em Tuskegee, no estado do Alabama, e faleceu a 25 de outubro de 2005. Fonte: [http://www.infopedia.pt/\\$rosa-parks](http://www.infopedia.pt/$rosa-parks)

⁵ Martin Luther King, Jr. tornou-se um dos mais importantes líderes do ativismo pelos direitos civis (para negros e mulheres, principalmente) nos Estados Unidos e no mundo, através de uma campanha de não-violência e de amor para com o próximo.

⁶ Fonte: <http://racismo-pap.blogspot.pt/>

da esperança progressista e dos anseios dos movimentos por direitos civis. Construiu, assim, uma imagem de mudança durante a campanha, em contraste com os oito desastrosos anos de George W. Bush.”

2.2.3. Um ícone da luta contra o racismo: Nelson Mandela

Um lutador incansável pelos direitos humanos na África do Sul e a nível internacional, Nelson Mandela é uma das figuras mais importantes da história contemporânea. Segundo fonte do Portal S. Francisco⁷ Advogado e líder político sul-africano nascido em Transkei, África do Sul, considerado um guerreiro em luta pela liberdade e Prêmio Nobel da Paz (1993) pelo seu esforço conjunto para acabar de forma pacífica com o apartheid. Nelson Mandela nasceu a 18 de Julho de 1918, na província sul-africana do Cabo Oriental. Durante os seus anos de estudante, Mandela lutou contra as cada vez mais injustas e intolerantes leis do apartheid e em 1944 ajudou a criar uma divisão juvenil do Congresso Nacional Africano (ANC).

Juntamente com Oliver Tambo fundou também o primeiro escritório de advogados de raça negra na África do Sul. Durante o período em que esteve preso, devido às suas atividades políticas, ele e outros membros do ANC foram acusados de conspirar para derrubar o governo através de atos de violência.



Ilustração 5 - Nelson Mandela

Fonte:

http://literaciaafricanidades.blogspot.pt/2010_07_01_archive.html

⁷ Fonte: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/nelson-mandela/nelson-mandela-2.php>

A democracia sul-africana, com direito de voto limitado aos brancos, levou ao poder em 1948, o Partido Nacional, que tinham entre suas promessas de campanha reforçar a segregação racial do país, através do apartheid, "desenvolvimento separado". O principal argumento dos racistas referia-se a uma espécie de "valorização da diversidade": afirmava que os negros e brancos estavam em estágios diversos de desenvolvimento e que os próprios negros agrupavam-se em diferentes nações e tribos, com diferentes identidades, e que o isolamento desses vários grupos evitaria atritos entre eles.

Em 1964 foi condenado a prisão perpétua. Durante os 27 anos que permaneceu na cadeia, Mandela converteu-se num poderoso símbolo internacional da resistência contra o apartheid e a injustiça.

Em 1990 foi posto em liberdade e voltou ao trabalho de toda uma vida, a que dera início quase quatro décadas antes.

A 10 de Maio de 1994, as primeiras eleições democráticas realizadas na história da África do Sul deram o poder a Mandela, que se converteu assim no presidente do país.

Após o fim do mandato de presidente, em 1999, Mandela voltou-se para a causa de diversas organizações sociais e de direitos humanos. Ele recebeu muitas distinções no exterior, incluindo a Ordem de St. John, da rainha Elizabeth 2^a., a medalha presidencial da Liberdade, de George W. Bush, o Bharat Ratna (a distinção mais alta da Índia) e a Ordem do Canadá.

Em 2003, Mandela fez algumas insurreições atacando a política externa do presidente norte-americano Bush. Ao mesmo tempo, ele anunciou o seu apoio à campanha de arrecadação de fundos contra a SIDA chamada "46664" - seu número na época em que esteve na prisão.

Em junho de 2004, aos 85 anos, Mandela anunciou que se retiraria da vida pública. Fez uma exceção, no entanto, pelo seu compromisso em lutar contra a SIDA.

3. CONCLUSÃO

A identidade é uma das grandes questões, não só da Antropologia, uma ciência historicamente recente, mas também das restantes Ciências Sociais como a Filosofia ou a História. Desde o dia em que o indivíduo se autoconhece como ser comunicante, que povos encontram povos e desse encontro resulta construções e delimitações de poder territorial, político, económico. Os acontecimentos da vida de cada pessoa geram sobre ela a formação de uma lenta imagem de si mesma, uma viva imagem que aos poucos se constrói ao longo de experiências de trocas com outros: a mãe, os pais, a família, os parentes, os amigos de infância e as sucessivas ampliações de outros círculos de pares, ou seja, outros sujeitos empossados dos seus sentimentos, outras pessoas investidas de seus nomes, posições e regras sociais de atuação, começando assim, o relacionamento entre pessoas ou grupos, sejam eles nacionais, regionais, étnicos, culturais, linguísticos ou religiosos.

Os papéis sociais são impostos ao indivíduo, desde o seu nascimento e assumidos pelo mesmo, na medida em que este se comporta de acordo com a expectativa da sociedade. Por exemplo, perante os meus pais eu comporto-me como filho e na presença da minha filha me relaciono como pai.

Enquanto criança adquiri uma série de valores, que foram sendo moldados consoante a idade foi evoluindo, criando assim a minha identidade pessoal. Todos nós temos um nome, todos nós temos um rosto, todos usamos uma língua, todos temos uma nacionalidade, todos em determinado momento fomos alunos, todos e cada um de nós adultos, exerce ou exerceu já uma atividade profissional, todos temos algo que nos distingue dos outros e que ao mesmo tempo nos aproxima para que nos sintamos parte de um grupo de uma sociedade. Todos nós em momentos determinados da nossa vida nos interrogamos sobre quem somos.

Os racistas definem uma raça como sendo um grupo de pessoas que têm a mesma ascendência, pertencem a um tronco comum e apresentam características em comum com os membros da mesma espécie. Diferenciam as raças com base em características físicas como a cor de pele e o aspeto do

cabelo. Investigações recentes provam que a “raça” é um conceito inventado. A noção de “raça” não possui qualquer fundamento biológico.

Não há nenhuma prova científica da existência de raças diferentes. A biologia só identificou uma raça: a raça humana. Assim é frequente ouvir-se: “Trabalho é bom para o preto”, “Fazer uma cigance”, “Ele é preto, mas inteligente”, entre outros. Outras vezes, as expressões embora ditas com a maior naturalidade, patenteiam um racismo bem evidenciado. O racismo e a xenofobia nascem na ignorância e na cobardia. O racismo e xenofobia são exclusão, e dessa exclusão, negação do outro, de todos os outros, de cada um de nós, nasce a necessidade de ser mais forte esta solidariedade. Depende única e exclusivamente da mente de cada um, começou porque o permitimos, continua porque assim o queremos e acabará quando todos nos mentalizarmos que este tipo de preconceito só degrada a relação com o outro. Embora Portugal seja considerado "um país de brandos costumes", o racismo existiu e ainda continua a existir no nosso país. No entanto, não podemos dizer que Portugal é um país racista, podemos sim afirmar que ainda existe algum preconceito face às minorias étnicas na mente de muitos portugueses. Convém acrescentar que, no meu caso pessoal, fosse pela minha parte ou pela parte de outra ou outras pessoas, nunca me deparei com atos racistas ou xenófobos graves, todavia, e desde que os fluxos migratórios vindos do leste, invadiram o nosso mercado de trabalho, senti por parte de entidades empregadoras um aproveitamento dessa mão-de-obra, o que no meu caso pessoal, veio inflacionar o meu salário mensal.

Web grafia

(2012). Obtido em Fevereiro de 2012, de polissemia | s. f.:
<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=polissemia>

America, S. N.-R. (16 de FEBRUARY de 2011). Obtido em Março de 2012, de Rosa Parks, Montgomery Bus Boycott & Jim Crow Law:
<http://sunnynash.blogspot.pt/2011/02/rosa-parks-montgomery-bus-boycott-jim.html>

Bernardo, P. d. (17 de Julho de 2010). *Processos Identitários*. Obtido em Janeiro de 2012, de <http://processosi.blogspot.com/>

Bracken, S. (2012). Obtido em Fevereiro de 2012, de identity crisis:
<http://xxsweetdangerxx.deviantart.com/art/identity-crisis-273471941>

Carolina Laurenti, M. N. (s.d.). Obtido em Março de 2012, de IDENTIDADE: QUESTÕES CONCEITUAIS E CONTEXTUAIS:
<http://www.robertexto.com/archivo7/identidade.htm>

Francisco, P. S. (s.d.). Obtido em Março de 2012, de Nelson Mandela:
<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/nelson-mandela/nelson-mandela-4.php>

Infopédia. (s.d.). Obtido em Março de 2012, de Rosa Parks:
[http://www.infopedia.pt/\\$rosa-parks](http://www.infopedia.pt/$rosa-parks)